



Schwarz, David | 28.02.2007

## Aher e Jesus

por David Schwartz

I

Como é que comparamos o “herói” de uma cultura com uma personagem de outra cultura? Os comentários que fazemos sobre um outro são provavelmente não-inspirativos. Quando um judeu aplicar pensamente a Jesus, no entanto, a observação pode ser considerada somente como muito carente de marco. Se um herói é alguém contra quem medimos verdade, contradições e antinomias ocorrem porque não podemos concordar com aquilo que é verdade.

Em tempos contemporâneos, quando competição para encontrar um exemplo bom do tipo de ser, quem nós judeus chamamos de “*mensch*” [uma pessoa de integridade, um personalizável efetivo mesmo, cuidante mesmo capaz, honesto mesmo ser humano amigável], é tão frustrante, porque falar de faltas? Porque insistir nisso? Certamente estamos na procura do homem ou mulher que seja um *mensch* e não nos podemos sentir bem sabendo das faltas de outros. Faltas nos circundam. Certamente esta ubiqüidade de falta faz os pontos radiantes na vida – uma palavra tenra de encorajamento, um senso de humor e outros alívios do cotidiano – todos os mais saudáveis. Porque, então, ir olhando para falta? Porque realçar falta? Porque sondar o passado por falta?

A missão dum ser humano é, em algum sentido, para lançar luz, para nos iluminar para sua própria presença. Se assim, é um ato de *menschidade* iluminar o nosso passado comum. Uma pessoa maliciosa que investigar o passado poderá encontrar uma série de monumentos para derrubar e oportunidades para sarcasmo. Não há dúvida de que aquela pessoa vá estar fazendo um favor em alguma camada da comunidade. No entanto, para aqueles de nós que levarem o conselho dos sábios a sério – onde não houver *mensch*, esforça-te a ser um! – haverá algo mais importante que fatos e riso derrisório. O que é mais importante é ser *mensch*.

Para a pessoa honesta, a pessoa buscante e procurando honestidade, do eu e da comunidade, a gente possa prevaricar num modo semelhante como está reportado de Aarão no Acordo do País ao rabi Nathan, capítulo 12. Aí está sendo reportado que Aaron uma vez disse a dois companheiros disputantes que o outro está batendo no seu peito e rasgando os seus vestidos. A história claramente sugere que nenhum companheiro estava engajado no bater no seu peito, regando as suas vestes, ou chore lágrimas amargas por causa da briga em que foram engajados. Aaron mentiu, mas os sábios de Israel, aqueles procuradores de comportamento correto, recomendavam esse comportamento! A pessoa honesta é alguém que ocasionalmente mente.

Deveríamos mitigar o paradoxo. Aarão está conhecido, não como mentiroso, mas sim como sacerdote e profeta.. De fato, a gente poderia dizer que Aaron viu que, se os dois parceiros contestantes permitissem a sua briga a escalar destruindo a parceria, iria haver rasgar de vestes e chorar. Com falta em todo o nosso redor, não nos podemos permitir a perdermos amigos. De fato, o sucesso de Aaron, o comportamento recomendado, é que ajamos assim que mitiguemos a falta. Interessantemente, a palavra inglês “*mitigate*” se diva do latim *mitis*, suave, e *agere*, agir. Daí, “mitigar” é oximoro para forçar ou compelir suavidade.

Elegemos presidentes querendo que sejam heróicos. Estudamos legendas esperando encontrar

heróis. Falamos alto aos nossos amigos nas esperanças de nos associar com figuras legendárias vivas. Tudo o que encontramos são sombras várias de falta. O problema é exacerbado quando o herói de um povo é um pouco mais que a falta de um outro. O problema está ainda mais terrível quando as faltas auto-reclamadas de um povo estão sendo reclamadas como sendo mais heróicas que as dos heróis dum outro povo.

Parece que o herói de hoje é figura cômica de ontem: ou Don Quixote ou Jaques o Fatalista, Joseph Andrews ou Tevya. Um herói é alguém contra quem testamos qualquer aplicação da verdade. Por isso, um herói é uma determinação arbitrária do real. Como podemos considerar qualquer herói como algo menos que arbitrário, contanto que não concordamos com aquilo que é verdadeiro, justo e bom?

Para cristãos, Jesus era e é o Cristo, o Filho de Deus, Deus verdadeiro do universo. Até cristãos desafeiçoados, tipicamente, estão desilusos com aquilo que consideram regras e regulamentos obsoletos, não com Jesus mesmo. Portanto, Jesus é personalidade brilhante, moralista profundo, gênio religioso. Embora judeus resistam na prática diária do Judaísmo (sejam tão diversas como essas práticas forem) e não se sintam compelidos a falarem sobre Jesus entre eles, e recuem de falar sobre ele quando perguntados, Jesus era uma falha gigantesca. Porque deveríamos falar de Jesus entre nós mesmos? Não fez nada para os judeus e, historicamente, coisas feitas no nome dele freqüentemente reverberavam para a punição física de judeus nas mãos daqueles que adoravam e reivindicavam emular o salvador.

Cada uma das afirmações precedentes é exageração. Judeus, de fato, falam sobre Jesus. Nós judeus, certamente, temos uma irritação não-mitigada de falar sobre Jesus a cristãos! Falamos sobre as nossas impressões pessoais deste homem, deste filho de Israel, a pessoas que o veneram e adoram. Essa situação não está ultrajante nem estranha. Quando falarmos a um pessoal que ora a Jesus, confia nele por perdão de pecados e por salvação deste mundo, que considera Jesus como Deus dos deuses e Homem sobre homens, fazemos muitas afirmações superlativamente sem sentido. Jesus era “um homem bom” ou era “um rábi decente” ou “um sábio piedoso”. Ocasionalmente, arriscamos aventurando mais: Jesus era igual a profeta, um camarada realmente inteligente, um *mensch* que não deveria ser culpado se os seus seguidores tomavam uma “idéia nobre” para pervertê-la.

Olhamos para salvação e encontramos penúria, depravação, frustração e falha. Exemplos demasiadamente muitos de comportamento tal ocorreriam em nome de Jesus.

Não louvamos Jesus quando falamos a cristãos, e não aborrecemos Jesus quando falamos entre nós mesmos. A questão surge como justamente o quê, se estamos falando alguma coisa a respeito. Denegação de Jesus na história de pensamento judaico mudou no judeu contemporâneo. Historicamente, não deixamos chamar Jesus de um apóstata, um demônio, um louco. Nestes dias ficamos calados para não ofender a maioria cristã nos países em que vivemos. Queremos ficar calados sobre ele. Só quando pressionados, ou nos sentirmos pressionados, oferecemos “homem bom”, “judeu nobre” e “rábi piedoso”. Se a verdade for conhecida, a discussão de Jesus no discurso judaico contemporâneo será menos importante que a fala sobre o sábio que era o herético favorito do Talmude, o cientista que abandonou a ciência legítima: Elisha ben Abuyah, conhecido Aher, “o outro”.

## II

Ralph P. Martin diz que Jesus era “um rábi judaico [que] está em contraste a Paulo, o apóstolo das nações”.<sup>1</sup> Essa afirmação sumariza adequadamente a posição na qual pensadores judaicos começam e, freqüentemente demais, ficam. Afim de comparar Jesus com Aher, será necessário discutir o conhecimento histórico que temos sobre Jesus. As anotações seguintes não estão sendo por jeito nenhum completas. Estão sendo apresentadas simplesmente como meio de levantar o assunto.

O Jesus histórico precisa ser considerado como judeu com uma limitação auto-imposta para ministrar, de algum modo, ao país, ao povo e ao Deus de Israel. A pregação exclusiva na terra de Israel não requer que Jesus seja nacionalista. A pregação exclusiva ao povo de Israel pôde ter requerido porque fosse crítico [lê: profético]. A sua concernência exclusiva com o Deus de Israel pôde ter requerida que fosse concernido com assuntos universais e questões mundiais-historicas.

Enquanto o Reinado de Deus estava percebido como estando à mão, Jesus era preocupado com como ele e os seus discípulos servissem, e servissem no Reinado de Deus. Se esses assuntos forem para serem considerados como a limitação duma perspectiva judaica de Jesus, haverá também condições que requerem uma perspectiva estendida. A perspectiva estendida pode ser moldada como segue:

1. Como notado, a concernência exclusiva de Jesus com o Deus universal requeria que pensasse o seu exclusivismo em termos universais. Mentis menores podem ter gerado um nacionalismo ubíquo (alusões do qual estão sendo cedo desconsideradas, como quando Jesus indicou que pensou da mulher gentílica como cão, cf. Mt 15,22-28). Martin parece correto, quando diz que a Igreja não teria inventado uma limitação tal.<sup>2</sup> O que é interessante sobre a resposta subsequente de Jesus à mulher era a sua surpresa aparente de que ela estava correta. A preocupação de Jesus com o país, o povo e o Deus de Israel era desenvolvida para uma concernência “surpreendente” por comportamento moral. Vemos isso ocorrendo pelo desenvolvimento do comportamento moral próprio de Jesus.
2. As percepções extremas de cristãos a respeito daquilo que judeus possam considerar como desenvolvimento de Jesus de homem a Filho de Homem a Filho de Deus a Deus verdadeiro devem ultimamente colocadas dentro.
  - a. As observações autênticas de Jesus entendidas, talvez, como imperativo para um relacionamento avançado de tudo que ocorre no Reinado (imaneente) de Deus.
  2. O relacionamento entre as palavras de Jesus e o seu entendimento da ocorrência do reinado como mediado no pensamento do seu seguidor mais ativo, mais vocal, Paulo. No entanto, devemos entender Paulo, não como judeu assimilado, helenizado, mas sim como alguém que era genuinamente concernido (se mal-guiado) na sua busca de superar a diferença entre judeu e grego, masculino e feminino, e assim em diante. Somos todos nós um só em Cristo? Poderíamos chegar a ser “um só” em conversação frutífera que permitisse - requeresse! - diferenças. Na casa do “Pai” há muitas mansões.
3. Para entender o que está sendo facilmente demais aceito como contraste profundo entre o Jesus judaico terrestre e o grande conciliador Paulo, o lugar melhor para começar pode ser com um entendimento da ressurreição de Jesus. Pode ser o caso que a ressurreição não é para ser considerada num sentido cristã. Também não é necessário considerar a ressurreição num sentido psicológico. Precisamente como a ressurreição deva ser entendida, como fenômeno que influenciava percepções, especialmente percepções do próprio Jesus, não pode ser examinado no contexto presente. Suficiente dizer que na morte não há nem judeu nem gentílico, homem ou mulher, santo ou pecador.

Como essa discussão breve pode indicar, em adição às duas perspectivas que ocorrem entre cristãos e judeus (considerando Jesus como mais que meramente heróico e o considerando como menos que heróico), há também distinção entre o Jesus histórico e a figura do redentor. Está sem sentido perguntar qual Jesus era heróico e qual não o era. Enquanto não aceitando a imagem de Jesus como meigo e sensitivo (uma pessoa meiga não jogaria os cambistas de dinheiro para fora do templo, e uma pessoa sensitiva não chamaria a mulher gentílica de cachorra), nem outras sugestões oferecidas facilmente demais de quem Jesus era, os pontes de partida acima possam ser usados

para determinar o que pode ser dito sobre o Jesus histórico. Podemos dizer que era preocupado com o Deus, o povo e a terra de Israel. Tendo dito isso, dizemos pouco mais do que ele era judeu. Não temos evidência com a qual responder à questão referente à qual espécie de judeu ele podia ter sido: um discípulo dos fariseus, um essênio, um zeloto, um místico, um humanista, etc. Era um homem cujos entendimentos e referências desenvolviam.

Podemos até especular que o desenvolvimento nos pensamentos de Jesus ocorreu rapidamente, uma vez que Jesus percebeu que a sua mensagem original – de que o povo precisasse se arrepender porque o Reino do Céu estava à mão – era falsa. O Reino não era imanente quando Jesus andava na terra, e parece perto à mão no momento. Os mais religiosos entre nós podem dizer muitas coisas finas, tais como que o reino esteja à mão sempre que uma alma sinceramente se arrepender e orar, procurar Deus, e assim em diante. Esse entendimento personalista não alimenta os famintos, abriga os sem casa ou protege viúvas e órfãos e os doentes. Na melhor, protege o indivíduo. Jesus era um indivíduo que, por causa da sua terra, do seu povo, do seu Deus não se preocupava com a sua auto-proteção.

Quando o Reino não foi manifestado, os termos de ministério de Jesus passaram por uma mudança. Reconheceu-se como homem não-protegido. Os livros que contêm a mensagem dessa mudança estão sendo largamente modelados no pensamento de Paulo, que, o que deveria ser notado, não estava preocupado com o Jesus histórico. Quando Paulo rejeitou conhecimento de Cristo segundo a carne (2Cor 5,16), isso deve ser o resultado do entendimento prévio de Paulo de que Jesus agora chegou a ser irrelevante em vista do fato de que a expectativa de Paulo duma ocorrência histórica imanente não tomava lugar. A Parusia não aconteceu, mas a mente ativa continuava a alargar a procura por sabedoria e expectativa. Daí, o Jesus histórico chegou a ser, simplesmente posto, sem interesse em comparação com a figura escatológica que era antecipada. Enquanto os documentos foram escritos que passaram por ser a vida de Jesus, esses documentos podem somente ser considerados como explicações de como o Jesus Paulino chegou a ser o salvador do mundo (embora, naturalmente, ela era considerado como tal “deste o começo”).

Não é só que Paulo chegou a ser despreocupado com o Jesus histórico, mas essa prática está também catada como norma. Frequentemente demais, a concernência história com Jesus está sendo considerada como indagação judaica, e o oposto está sendo considerado como verdadeiro. Isso não está completamente reto; primeiro: porque não há oposto à história. Até o divino, segundo tanto judeus quanto cristãos, está concernido com o que ocorre na esfera mundana. Segundo, Karl Rahner disse é legítimo para o teólogo “apontar os problemas históricos” legados por fontes cristãs em relação a Jesus. Rahner disse, no entanto, que, se um exegeta fosse procurar dizer que “com certeza positiva e inambigua certeza histórica que realidades aqui supostas simplesmente não existissem por completo, então as premissas da teologia fundamental e da teologia dogmática para a fé cristã seriam realmente destruídas”.<sup>3</sup> Teólogos, então estão legitimamente interessados em assuntos históricos.

Parece que os cristãos têm de estar interessados no Jesus histórico, se for somente por causa da reivindicação cristã de que, num ponto certo da história, o amor de Deus chegou a ser manifesto. Um judeu, naturalmente, pode desejar reverter a resposta personalista discutida acima e dizer que o amor de Deus chega a ser manifesta sempre quando um ser humano sentir amor por Deus na alma dele ou dela. No entanto, o que não está bom pqra as gansas não está bom para o ganso. O judeu deve reconhecer que a demanda para fundamentar todos esses assuntos na história pode, no melhor, ser por causa de proferir umas poucas intuições plausíveis. Os poucos pontos sugeridos acima – resultando no ponto final de que uma ocupação com o assunto de ressurreição deva ser ultimamente discutida – são talvez todos que possam ser conhecidos do “Jesus histórico”.

Se assim, podemos bem não discutir qualquer assunto baseado na história, muito menos na história dessa seita ou sectária. O judeu deve ultimamente concordar com o teólogo: há mais do que atualmente percebemos andando no texto. Nem está “o que está andando mais” para ser elucidado

por discussões sem fim de esta ou aquela palavra ou frase quer dizer, se Jesus realmente ficou um tempo em Jerusalém, quantos anos ele pregava, qual era a idade dele e quando morreu, e assim em diante. Há questões interessantes que nos possam divertir enquanto esperamos por respostas mais importantes que devem ser procuradas. As mais importantes respostas são, talvez, aquelas que respondem às questões referentes ao que estamos fazendo.

### III

A indicação de que está mais andando no texto que pensamos é desafio para usar a nossa imaginação. Uso de imaginação é requerimento de que vamos além dos fatos afirmados ou supostos. Perguntar o que está andando no texto é igual a perguntar por decisão referente à significância de passagens. Constando a significância dum evento é aproximar-se a crenças que, naturalmente, não se referem necessariamente a fatos históricos. Tanto fatos como crenças são compreendidos por um outro fator. Histórias, sejam conscientemente designadas ficções contemporâneas ou sejam folclore, afetam ambas, história e crença. Justamente como há significações diferentes para eventos diferentes, assim há, legitimamente, histórias diferentes que possam ser contadas. No contar narrativas, não há estrondos ou competição. Heróis e malandros abundam. Naturalmente, contar a uma outra cultura que estás a fim de tratar o teu “herói” como “história” é igual a puxar desdém. Vamos dizer, então, que qualquer coisa é história. Também não é o caso que o melhor que possamos derivar é uma história boa. É o caso de que a história boa é a melhor que houver.

Vamos fazer *midrash*. Vamo-nos aproximar ao outro, não como entidade hostil do qual precisamos sofrer ou quem precisamos eliminar. Vamo-nos aproximar um ao outro como um conto que nos pode interessar, mas para o que precisamos finalmente pôr a nossa própria significação se tivermos para alcançar entendimento. De fato, uma vez que propusermos fazer isso, usar imaginação antes de retórica, falar contos antes de maldições, o mundo chegará a ser não tão sofrível, não tão hostil. E, no processo chegamos a ser heróicos!

William Blake, talvez não o maior comentador sobre o pensamento cristão, disse que Jesus não criou “nenhuma Virtude Moral que Platão e Cícero não inculcavam antes dele”<sup>4</sup>. O evangelho permanente, de acordo com Blake, é “só perdão de pecados”.<sup>5</sup>

Ainda, até perdão, ele disse, foi constituída pelos judeus. Blake então apresenta algumas contradições entre as palavras e os feitos de Jesus. Por exemplo, a mesma pessoa que disse “obedecei aos vossos pais!” perguntou a sua mãe o quê tenho a ver contigo?” Blake comparava versões ou visões divergentes de Jesus. Uma imagem tinha “um grande nariz aquilino” e outra “uma nariz chato como o meu”. Uma era um “amigo de Toda a Humanidade”. A outra “falou em parábolas aos cegos”.<sup>6</sup>

A gente pode objetar que a dualidade se deriva, não dum Jesus nem dum cristão nem dum judaico, mas sim dum Cristo nietzschiano. Num exemplo tal, a distinção entre o Jesus cristológico e o histórico chegou a ser sem importância. O que importa são ditos e feitos afim de picar e escolher o que a gente quiser ou não quiser seguir. A gente pode objetar que o encontrar de contradições é tão fácil como não-explicativo. Todavia, até teólogos contemporâneos apontam para contradições. Pierre Talic notou: “Aquele que disse ‘Quem alguma vez beber dessa água nunca terá sede outra vez’ também gritou ‘Estou com sede’.”<sup>7</sup> Pensamento prospera em contradições. Se não houvesse contradições, haveria pouco sobre o que pensar. Tagarelice não é outra coisa do que o meio de iludir de divisão: nós contra eles/ele/ela. Filosofia é freqüentemente o argumento para isto, contra aquilo.

Certamente, a afirmação de Talec indica somente uma distinção entre sede física e sede metafórica. Se assim, pode ser que haja mais a saciar do que simplesmente beber líquido. Outra vez, há um “mais andando” que deva ser investigado. Talvez, a invenção de contradições deva ser louvada com

meio para nós termos algo sobre o que falar “mais” do que tradicionalmente está sendo considerado como fala aceitável.

Considera as histórias de dois professores! Jesus ensinou “somente os ovelhas perdidas da casa de Israel” e, se a história é para ser crida como relatório verdadeiro, Jesus foi rejeitado com desprezo e derrisão. Elisha Abuyah, de outro lado, em algum ponto parou de se considerar como filho de Israel, chegou a ser uma ovelha perdida ele mesmo, e foi tratado com derrisão e desprezo, mas não era totalmente rejeitado. Aqui está uma contradição severa: um professor bom rejeitado, enquanto um herético puro aceito em algum sentido.

As histórias na literatura rabínica referentes a Elisha são devastadoras. O Talmude de Jerusalém declara que Elisha bateu num escolar, seduziu o jovem do estudar Toráh e informou contra judeus durante a perseguição adriana (Hagigah II:1; 15a). Elisha penetrou nos recessos secretos mais íntimos da religião e “cortou os tiros”, isso é que perverteu os ensinamentos e as tradições. Está-nos contado que cantos gregos não paravam da sua boca e, quando Elisha se levantou para deixar a casa da escola, muitos livros heréticos caíram da sua aba (J.T., Hag 15b).

Não obstante, Elisha está sendo lembrado na literatura rabínica por ensinar o rábi Meir, um dos sábios mais respeitados de Israel. Elisha mesmo está também sendo citado em vários exemplos, antes de chegar a ser um apóstata, como autoridade. Entre outros ensinamentos, Elisha está sendo mencionado como autoridade que determinou o tempo de luto em duas ocasiões diferentes: o caso quando um pai morrer e o filho não for informado por três anos, e o caso quando o filho morrer na diáspora (Mo’ed Katan 20a). Considera o que essas situações nos contam sobre os tempos: morrer de pai, morrer de filho, contato entre membros de família rompido, comunicações feitas impossíveis; exílio e existência cobrando sua taxa no povo; sábios andando como insanos, sábios chegando a serem heréticos!<sup>8</sup> Esses eram tempos perigosos. Pecado, na minha imaginação, era exuberante; a indução de seres humanos nas redes de erro era abundante. A vida era alienada, em perigo e de pouco valor.

Deus, como venerado pela Cristandade, está determinado para ser um Deus que “justifica os ateus” (Rm 4,5) chamando pecadores a se juntarem à comunidade. Deus é um ser “que atravessa barreiras religiosas e raciais para encontrar os seres humanos no lugar da sua necessidade”.<sup>9</sup>

Quando o rábi Meir seguia o Aher herético, que estava montado num cavalo no Shabat, a fim de ouvir os seus ensinamentos legítimos, a imagem de Deus que nós humanos forjamos para nós mesmos iam até além da exigência de o pecador se juntar à comunidade. Aher estava vivendo separado da comunidade. Apesar disso, Meir era determinado de argüir o caso de Elisha com o resultado de que, depois de que Meir morreu e argüiu com Deus, o túmulo de Aher emitiu fumaça. Essa fumaça indicou que Elisha fora perdoado. Certamente, a preocupação de Meir por Elisha era um momento messiânico. Certamente a retenção dos ensinamentos retos de Elisha na literatura rabínica constitui exemplos messiânicos.

O quê é que aprendemos do tratamento de Elisha pelo sábio? Aprendemos, parece, que sabedoria e *halaká* são para serem derivadas de qualquer um que possuir entendimento, quaisquer que forem as situações da sua vida ou circunstâncias pessoais.

No entanto, isso não é manifestamente não o caso com Jesus. Se começarmos com a idéia de que judeus rejeitavam Jesus com desprezo e derrisão, haverá uma contradição entre as palavras dos sábios referentes a Jesus (que ele era um apóstata, um demônio, um louco) e as suas ações (aceitando sabedoria de fonte qualquer, considerando o apóstata como num momento messiânico antes de numa rejeição pura). A rejeição de Jesus, então, está mais um exemplo da hipocrisia farisaica. Dizem uma coisa e fazem outra. Mantêm firmemente um herético que fazia coisas muito piores que Jesus, mas rejeitam este sem hesitação. Os sábios, a gente possa crer, são os loucos. Rejeitavam o seu Cristo, o Filho de Deus, Deus verdadeiro do universo.

Contudo, se partirmos duma hipótese muito mais simples – de que os rábis não conheciam Jesus, estavam largamente desconhecentes das suas atividades e não chegavam a ouvir ou entender as histórias referentes a Jesus até relativamente tarde – então resultará uma história diferente, mais realista. A evidência para um conhecimento primitivo de Jesus é muito magra. Parece ter havido um desenvolvimento rabínico da imagem de Jesus que corresponde ao desenvolvimento cristão através dos textos. A gente pode dizer que quanto mais “positiva/adulatoriamente” os teólogos cristãos falavam sobre Jesus, tanto mais “negativamente” os rábis falaram. O pronunciamento mais primitivo discernível sobre Jesus falava dele como de um estudante ignóbil a quem foi dada uma excomunhão limitada (Sotah 47a). Num período um tanto mais tarde, Jesus estava sendo considerado como herético. O pronunciamento rabínico último fala, não sobre Jesus mesmo, mas sim da imagem dos teólogos dele. “Se um homem ti diz ‘Sou Deus’, ele é um mentiroso. Se ele diz: ‘Sou o Filho de Homem’, no fim as pessoas rirão dele. Se ele diz: ‘Ascenderei ao céu’, ele o diz, mas não o realizará”.<sup>10</sup>

Se a sugestão do reconhecimento recente de Jesus for cogente, quando os rábis começaram verdadeiramente acessar declarações feitas por ou sobre Jesus – o que nunca aconteceu numa maneira adequada – ele não poderá mais ser considerado como um estudante ignóbil ou um herético ou simples louco. Pessoas estavam reivindicando que era Deus. Uma reivindicação tal teria causado os rábis se adiantarem a qualquer consideração detalhada de Jesus. De fato, os rábis reportaram que o rabi Eliezer tivesse ouvido uma declaração halálica de alguém dos discípulos de Jesus (Abodah Zerah 16b-17a), que era preservada como talvez a única decisão legal de Jesus lembrada por qualquer um. Além disso, Jesus chegara a ser pior que um herético. Chegara a se um deus alienígena. Tais coisas nunca foram discutidas. Nem se Aher tivesse pervertido crianças de escola com mitos tais, estes teriam sido apresentados na literatura.

## IV

A história de Jesus, como todas as histórias, requer, não ignorância, mas sim interpretação. Interpretações, como a retenção e projeção de ensinamentos agradáveis, são exemplos dum momento messiânico. Uma história é elaborada e chama por outra história. Histórias particulares não são inquietantes quando apresentarem verdades conflitantes. Um judeu pode de fato contribuir a essas histórias adicionais, até sobre Jesus. As versões judaicas, no entanto, serão radicalmente dissimilares das interpretações cristãs e podem até ser consideradas como blasfêmias.

Os próprios Evangelhos indicam judeus de várias afiliações religiosas que tentavam fazer sentido de Jesus. Gente de pesca e camponeses afluíam a ele. Sábios estão retratados como debatendo com ele. Pessoas misteriosas, como José de Arimatéia, estão sendo mostradas como tendo um relacionamento misterioso com ele. Herodes o interrogou. Gamaliel defendeu a seita. Saduceus o excomungaram. Não precisamos considerar nenhum desses exemplos como universalmente verdadeiro. Cada um tenta comunicar algo “mais” sobre o que estava andando do que um relato jornalístico extremo e estritamente racionalizado e bem-pesquisado possa ter provido. De outro lado, Jesus foi preso, processado, condenado e executado por uma fonte que não se preocupava com entendimento religioso. Podemos considerar algumas das histórias contadas por e sobre Jesus como afirmações não factuais. Contudo, histórias (ficção) eram e são meios de aproximar verdade.

Um judeu pode eventualmente considerar Jesus como metáfora por Deus. Søren Kierkegaard sugeriu que Jesus representava o modo de como nós humanos tivéssemos tratado Deus “se Deus vivesse na terra”.<sup>11</sup> Seres humanos iriam, até as coisas tivessem mudado para o bom, ignorar, enganar, arrestar e crucificar Deus. Um provérbio yídiche diz: “Se Deus vivesse na terra, quebraríamos as janelas dEle.”

Imagina Deus como o nosso vizinho! Não temos de estender a nossa imaginação. O nosso tratamento dos pobres, dos famintos, dos sem lar, dos órfãos e dos doentes designa o nosso

tratamento de Deus. Um cristão pode dizer que Jesus se fazia assemelhar de todos os “tipos” acima. A nossa atitude com respeito a Jesus então – como a nossa atitude com respeito a qualquer ser humano, a respeito de outros seres, a respeito de árvores e rios que estão sendo poluídos numa base rotineira, a respeito de qualquer coisa na vida – indica a nossa atitude a respeito de Deus.

Para prevenir as histórias que pudermos eventualmente contar com respeito a Jesus ou árvores ou rios poluídos de serem ofendidos, podemos talvez concordar no começo de as nossas histórias têm somente uma meta: escavar, definir e fortalecer o nosso relacionamento com Deus. Se assim, força pode também proceder por uma blasfêmia inicial. Não precisamos temer o que soar blasfêmico, se a nossa meta for fortalecer o nosso relacionamento com Deus. Escavação, definição e força obtidas através de histórias que contamos a nós mesmos e uns aos outros.

Contudo, as nossas histórias devem fazer isso por alimentar, vestir e abrigar tanto a nós mesmos quanto o outro: os depravados, os sujos, os famintos, os atormentados. As nossas histórias nos precisam inspirar para tomarmos cuidado um do outro, física, psicológica, espiritual e metaforicamente. Se assim, as nossas histórias serão, não mentiras, mas sim verdades aarônicas; isso é: contos contados para procurar os recessos escondidos da vida boa. Aí, não haverá necessidade de procurar heróis. Falaríamos um heroísmo novo a existir.

**Notas literárias.**<sup>1</sup> a <sup>11</sup> no fim do texto inglês!

---

[**Aher**, como nome hebraico, lembra de *AHeRÔN* (Aarão), que desafiou o seu irmão Moisés – este chegando com a Toráh dada por Deus – com o seu bezerro feito de ouro doado pelo povo. Trad.]

Texto [inglês](#)

Tradução: Pedro von Werden SJ, Rua Padre Remeter 108, Barro Baú, 78.008-150 Cuiabá, MT, BRASIL - [pv-werden@uol.com.br](mailto:pv-werden@uol.com.br)



